

## “Mais foi tanto dos vaquero qui rênô no meu sertão”<sup>1</sup>

Renan Martins Pereira

Mestrando em Antropologia Social/UFSCar

Eu – *Como é ser vaqueiro?*

Vaqueiro (seu Antônio) – *Mas os vaqueiro de antigamente... Eles era uns homi bruto, um índio, um caboclo brabo, não sabe? Eles só aprenderam aquilo que aprendeu a fazer. Mas só aprendeu aquilo. Ele não sabia de nada, não tinha estudo de nada. Tinha deles que não sabia nem assinar a primeira letra do nome. Mas com a inteligência que Deus deu a ele, ele aprendeu tudo: pegar o boi, amarrar, seguir, tanger o boi bem direitinho, colocar no curral, dar de comer ao boi manso. Ele aprendeu tudo com aquilo que Deus lhe deu, pois ele não teve quem ensinasse a ele, o homi bruto.*

**Imagem.** Na vaquejada da Fazenda São Pedro (Floresta – sertão de Pernambuco), um *grande vaqueiro*, conhecido como seu Antônio, depois de *pegar um boi* na caatinga e botá-lo no curral, foi interceptado por um dos meus interlocutores de pesquisa que sugeriu a ele que expusesse a mim algumas reflexões sobre, por exemplo, quem é o *vaqueiro sertanejo*, o que significa sê-lo e qual a diferença do vaqueiro de outrora para o de hoje. Na tentativa de fazê-lo, sua resposta foi muito breve, apresentando, de saída, um exercício mnemônico composto por uma reflexão quase mítica, uma origem.

**Conceito.** Enquanto conversávamos rapidamente, ainda em seu cavalo e afoito para correr e derrubar outra *rês*, seu Antônio não se disse *mais vaqueiro* do que os *vaqueiros mais novos* que estavam ao seu redor, embora pudesse contar mais *histórias* do que eles. Para muitos, ele sim é considerado um *vaqueiro de verdade*. Por ter *conhecimento da vida do campo* e por ter vivido no tempo em que para *ser vaqueiro* era preciso mais *coragem* do que hoje. O que confere a ele, na sua relação com os demais, a potencialidade de ser mais *corajoso*, mais *catingueiro* e de ter mais *prestígio*.

**Perspectiva.** Se a minha pesquisa era sobre o *vaqueiro sertanejo*, nada mais compreensível – do ponto de vista dos meus amigos sertanejos – que um *grande vaqueiro*

---

1 Título em referência à canção de Elomar, *História de Vaqueiros*.

fosse recrutado para que este me dissesse algumas *palavras*. Dos aproximadamente cento e cinquenta vaqueiros que estavam na vaquejada, foi em direção a ele que meus amigos sertanejos me levaram. Logo, supus que suas *palavras* não seriam quaisquer *palavras*, mas as de um *vaqueiro véio*.

No Sertão, as palavras podem vir a ser o indício do *conhecimento* de alguém capaz de produzir, narrar e registrar *histórias*. No meu contexto etnográfico, foram contadas *histórias de vaqueiro* em que a memória e o *conhecimento* estavam imbricados na retórica da *tradição*, algo justificável pelo fato de já ter existido no passado e por permanecer viva atualmente a despeito de suas formas contemporâneas, porém não a despeito do que as diversas perspectivas têm a dizer sobre elas. Perspectivas que dizem muito sobre muitas coisas.

**Conhecimento.** Sobre a permanência, a resistência, a *tradição* – parte I do caderno. Sobre a transformação, a criação, a invenção – parte II. Sobre o Sertão e os homens que rasgam as caatingas – seja outrora, seja agora. Sobre também as habilidades, as técnicas, as mortes, os desafios. Sobre os cavalos e bois que se foram, mas que permanecem vivos na memória. Sobre a *honra*, a *coragem*, o *prestígio*, a *palavra*, o *conhecimento*. Uma série de elementos com a qual os vaqueiros hoje em dia se reinventam por meio de suas atuações em práticas como as vaquejadas, *pegas de boi no mato*, missas, homenagens, músicas (*toadas*, *aboios* e *forrós*). Práticas inventivas que, a partir de imagens, de alguns conceitos e de certas perspectivas, tornaram visíveis para mim e para os vaqueiros com quem convivi os limites dos *conhecimentos* que compartilhamos e das fronteiras de nossas perspectivas.

As fotografias, nesse sentido, são fragmentos temporais, mas também conceitualizações. São enquadramentos que delimitam um momento, uma reflexão, um encontro. São imagens que deslocam o pensamento a cada novo olhar. A cada nova investida no meu material de campo, sempre penso que as fotografias são como limites conceituais que a toda hora se redistribuem de forma variada, tendo em vista que é por meio de imagens que a reflexividade nativa se impõe. Sendo com elas também que o antropólogo desenha sua etnografia.

As fotografias desta edição são resultantes da minha pesquisa de campo no sertão de Pernambuco, mais precisamente, no município de Floresta, entre os meses de fevereiro a maio de 2016, como requisito para o desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado, tendo como temas centrais o pastoreio sertanejo, o vaqueiro, a memória e as relações interespecíficas.

Agradeço especialmente aos meus amigos e amigas sertanejas, principalmente Maria Amélia, Nilda Ferraz, Nelson Quirino, Péricles Ferraz, Vera Lúcia, Ivone Araújo, Maria Trindade, Solange Araújo, Cletânia Araújo, João Regino e Maria de Lourdes. Bom, aos vaqueiros e amigos, agradeço principalmente a Cláudio Correia, Luiz Cordeiro, Genézio de Nato, Antônio Balbino, Valmir Calaça, Antônio Izidório, Zé Izidório, Zé Lajedo e Padeiro, por compartilharem comigo suas histórias, os seus conhecimentos, parte de suas vidas. Sou muito grato ao meu querido amigo Ion Fernandez de las Heras por ter se disposto a trabalhar na edição das fotografias. Agradeço ao meu amigo e orientador Jorge Villela. Agradeço ao PPGAS/UFSCar e ao CNPQ pelos apoios financeiros. Aos amigos e amigas de São Carlos, os meus agradecimentos vão para Marina Defalque, Taís Regina Mantovanelli, Jacqueline Ferraz, Gislene Moura e Fernando Mazzer. À minha companheira Nathália, os meus agradecimentos pelas sugestões feitas ao texto.

# I. Vaqueiro







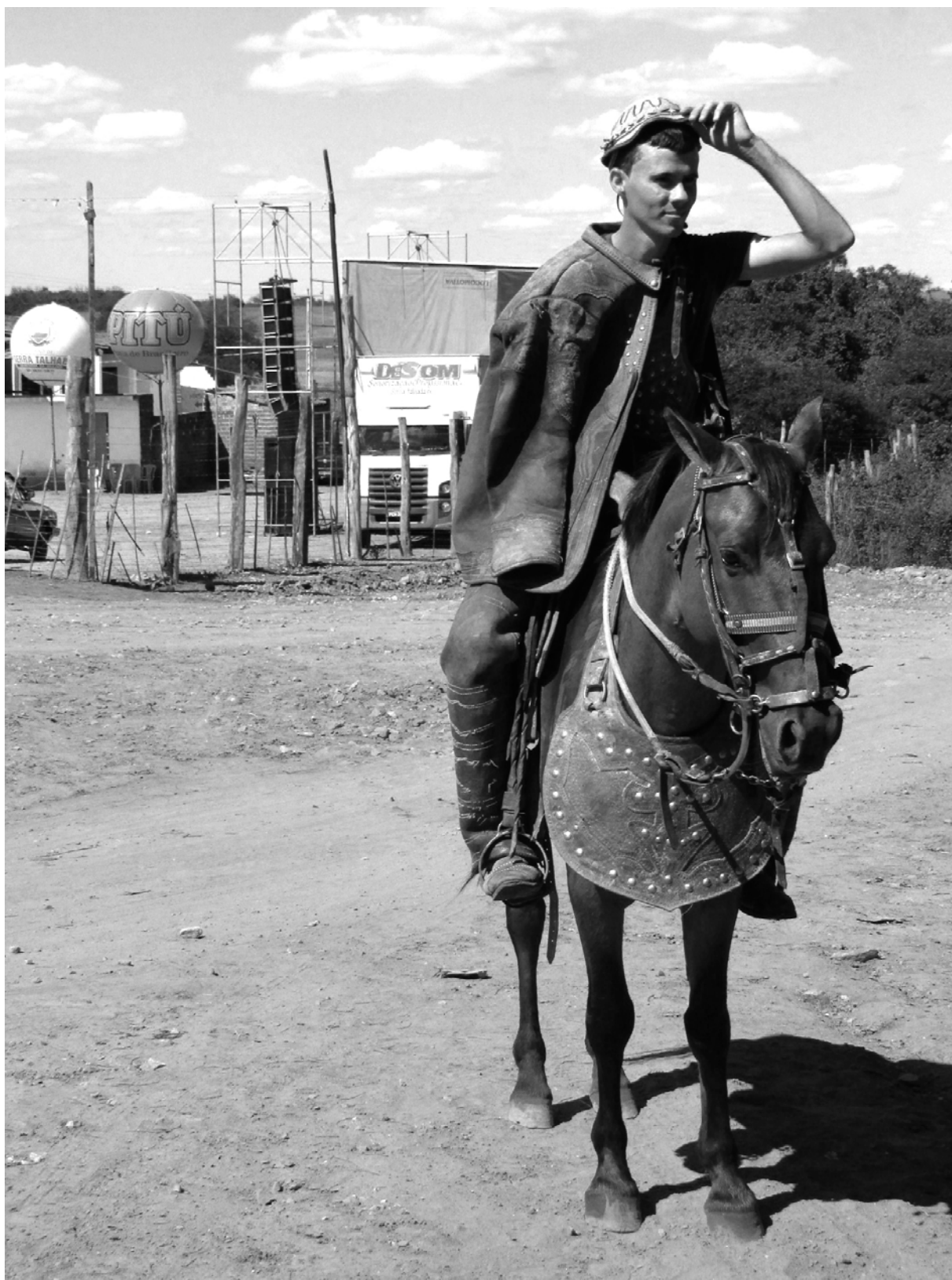




## II. Vaqueirama e Vaquejada













Renan Martins Pereira | **133**

Recebido em 23 set. 2016.

Aceito em 25 set. 2016.